



BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais*. Releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino traço, 2013, p. 196.

Maria Josele Bucco Coelho¹

Submetido em 25 de julho e aprovado em 3 de agosto de 2014.

A recente publicação de Zilá Bernd – *Por uma estética dos vestígios memoriais* – se impõe no cenário

acadêmico esquadrinhando um objeto problemático e flutuante – a produção literária contemporânea das Américas. Sintonizado com uma prática de pesquisa avessa aos sistemas, como bem afirmou Donaldo Schüller, esse livro se situa em uma relação intervalar entre os discursos e as disciplinas onde a memória, enquanto processo, converte-se em um agenciamento diferenciado para pensar a literatura produzida contemporaneamente.

O núcleo argumentativo do livro assenta-se na defesa da percepção, seleção e reconstituição dos vestígios que preenchem as lacunas deixadas pelas lembranças marginalizadas e interrompidas, pelos passados não ditos, não representados e que ainda assombram o presente histórico. Estabelece, dessa forma, uma perspectiva de compreensão dos processos de produção/recepção do texto literário que atravessa os sistemas literários e linguísticos das comunidades culturais das três Américas por meio de uma análise centrada no eixo memória-esquecimento-silêncio.

Estruturado em duas grandes

partes, o texto conjuga os pressupostos teóricos que norteiam os estudos sobre a memória com a aplicação destes em diversas obras contemporâneas que tocam, de alguma maneira, os processos compartilhados de conquista, violação, dominação e colonização das Américas. Trata-se, portanto, de uma abordagem frutífera, na medida em que, mais que defender uma proposição teórica em relação à importância dos processos mnemônicos demonstra, na prática, a efetivação de uma análise crítica que tem como vértice os vestígios e rastros memoriais.

Na primeira parte – Introdução às teorias da memória –, Bernd explora os principais construtos teóricos que regem tais estudos para consolidar, em seguida, as características de uma estética dos vestígios memoriais. Para tal, explora conceitos seminais desenvolvidos por Maurice Halbwachs (1877-1945) memória coletiva, Paul Ricouer (1913- 2005) – memória, história e esquecimento, e Pierre Nora (1931-) – lugares de memória, colocando-os em contraponto com a produção crítica desenvolvida em

âmbito regional por Jô Gondar, Vera Dodebei, Leonor Arfuch e Beatriz Sarlo. Demonstra, dessa forma, o processo antropofágico em que a tradição francesa é reelaborada criticamente para pensar um contexto e uma realidade distintos. A partir da exploração desses construtos, ainda nessa primeira parte, a autora apresenta os conceitos de vestígio e de rastro margeando as características de uma estética que entende a ficção como o lugar privilegiado da memória.

Na segunda parte – (Re)leituras de expressões poéticas e ficcionais a partir dos rastros –, Bernd analisa a produção contemporânea em oito capítulos distintos, a partir da estética dos vestígios memoriais. Os quatro primeiros tratam da produção realizada no Brasil. Assim, em *Poética afro-brasileira: resgatando a memória transatlântica*, se apresenta o percurso da poesia afro-brasileira, destacando suas duas grandes fases – uma iniciada pelas publicações realizadas nos *Cadernos Negros* a partir de 1978, que busca um enraizamento identitário e outra instituída a partir

de 2000, em que predomina o resgate da memória social por meio de uma linguagem esteticamente elaborada por três poetisas: Leda Maria Martins, Conceição Evaristo e Ana Cruz.

Em seguida, exploram-se dois romances de Assis Brasil – *O breviário das terras do Brasil* (1997) e *Figura na sombra* (2012) – desvelando os personagens Bonplant e Abiaru, silenciados e ausentes da memória social hegemônica. Já nos dois capítulos seguintes, colocam-se em evidência os deslocamentos e o papel das mobilidades culturais na conformação identitária por meio da análise da obra *Um defeito de cor* (2010), de Ana Maria Gonçalves e *Uma ponte para Terebin* (2006), de Leticia Wierzchowski.

As três travessias do Atlântico realizadas por Kehinde, suposta mãe do primeiro poeta negro brasileiro, lembradas em *Um defeito de cor*, denunciam não apenas os horrores da dominação e da escravatura, mas inscrevem o negro como presença ativa na conformação do estado brasileiro em seus matizes econômico, social e

cultural. Já as três travessias atlânticas descritas no romance memorial *Uma ponte para Terebin*, desveladas por meio de rastros epistolares e imagens difusas, rememoram a trajetória de um ente familiar lutando em prol de uma pátria e, ao mesmo tempo, explicitam os questionamentos identitários engendrados no âmbito dos processos migratórios sofridos no Brasil entre o fim do século XIX e inícios do século XX.

Os quatro últimos capítulos do livro – organizados a partir do subtítulo *Nas Américas* – ampliam o alcance dos rastros e vestígios memoriais enquanto mecanismos de releitura da literatura produzida nas Américas por meio da análise comparatista cultural de manifestações advindas do Brasil, Chile, Antilhas e Canadá. Assim, nos rastros culturais preservados pela oralidade e esteticamente trabalhados na ficção de Isabel Allende, Maryse Condé e Ana Maria Gonçalves se restitui o lugar de enunciação de um feminino duplamente colonizado – por ser negro e por ser mulher –. Silenciadas pela história hegemônica, essas vozes

insurgentes denunciam a violência, a repressão e reclamam, por meio do resgate de memórias consideradas vergonhosas, a reapropriação de um passado ancestral que lhes permita desfazer os nós de memória e lhes traga, concomitantemente, uma possibilidade de futuro.

As produções canadenses atravessadas pelo desafio da própria crítica em encaixá-las dentro dos padrões nacionalistas tradicionais, uma vez que são fruto de intensas mobilidades culturais, são analisadas em três capítulos distintos. Em *Ler as literaturas da migração a partir de vestígios memoriais*, as obras de Marie Célie Agnant, Dany Laferrière e Stanley Péan demonstram a importância assumida pelos vestígios memoriais em contextos de nomadismo intelectual. Já os textos de Francine Noël – *Nous avons tous découvert l'Amérique* (1990) – e Serge Kokis – *Amerika* (2012), integram o capítulo que versa sobre a constituição de uma memória coletiva fundada no agenciamento dos saberes recolhidos nos vestígios e rastros memoriais. Por último, Bernd

reflete sobre o poder exercido pela memória na constituição da identidade quebequense por meio da análise da obra de Gaston Miron – primordial para a instalação da Revolução Tranquila nas letras nas décadas de 1960 – e do filme *C.R.A.Z.Y.* (2005), de Jean-Marc Vallée que rememora esse mesmo período e aponta os impactos dessa revolução na sociedade quebequense.

O leitor encontrará, ainda, ao final das reflexões teóricas e críticas efetuadas por Zilá Bernd, uma extensa bibliografia que serve de apoio para aqueles que desejam embrenhar-se na temática proposta e enveredar-se na busca sensível de outros rastros e vestígios que permeiam as manifestações artísticas. Por fim, deve-se ressaltar o protagonismo dessa crítica transversal e integradora das comunidades culturais, que, avessa aos paradigmas de análise sistêmica, se apresenta como um recurso valioso de compreensão dos processos vividos, compartilhados, imaginados, reinventados e plasmados artisticamente no âmbito das Américas.

NOTA

- ¹ Professora de Literaturas Hispânicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: mjosele@yahoo.com.br.